



REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

BELÉM-PA | ANO 3 | N.5 | JAN-JUN 2017

BORDADOS DE UMA TAPEÇARIA - CRÔNICAS DE L. RUAS

*EMBROIDERY OF A TAPESTRY -
CHRONICLES OF L. RUAS*

Rita Barbosa de Oliveira

Resumo

Este artigo apresenta a tessitura temática das crônicas *Um amigo*, *Ônibus* e *Crônica para o amanhã*, do livro *Linha d'água* (1970), de L. Ruas, poeta e cronista amazonense, da geração do Clube da Madrugada. O livro, que possui uma única publicação, contém 49 crônicas sobre crítica de cinema e literária, questões filosóficas e, principalmente, crítica social, construídas com uma linguagem poética direcionada para o público de jornal, com o qual o escritor simula diálogos. A discussão respalda-se no livro *L. Ruas: itinerário de uma vocação*, de Roberto Mendonça, pesquisador da obra de Ruas. Obras de caráter teórico são trazidas para a discussão no intuito de complementar os argumentos.

Palavras-chave: *Linha d'água*; L. Ruas; crônica

Abstract

This article presents the theme story of the chronicles *Um amigo*, *Ônibus* and *Crônica para o amanhã*, from the book *Linha d'água* (1970), by L. Ruas, Amazonian poet and chronicler, from the *Clube da Madrugada* generation. The book, which has only one publication, contains 49 chronicles on film and literary criticism, philosophical issues, and especially social criticism, constructed with

poetic language directed to the newspaper public, with whom the writer simulates dialogues. The discussion is based on the book *L. Ruas: itinerário de uma vocação*, by Roberto Mendonça, the researcher of Ruas' work. Works of theoretical character are brought to the discussion in order to complement the arguments.

Keywords: *Linha d'água*; L. Ruas; chronic.

Os historiadores da literatura produzida no Amazonas destacam L. Ruas como poeta, tendo em vista os livros de poemas *Aparição do clown* (1958) e *Poemeu* (1985) serem os mais conhecidos, principalmente o primeiro citado. Nessa linha de pensamento, Jorge Tufic cita-o como um dos membros do Clube da Madrugada que realizou experimentação com o soneto (TUFIC, s/d, p. 87-88), Alencar e Silva ressalta o “primitivo frescor” e o “soro de eternidade” (ALENCAR E SILVA, 2011, p. 172), e Roberto Mendonça afirma que o primeiro livro de Ruas “obnubilou aos outros seus escritos” (MENDONÇA, 2010, p. 11).

No entanto, Ruas foi também crítico literário e de cinema e cronista. Em *Os graus do poético* (1979), livro de ensaios premiado em 1969 pelo Governo do Estado do Amazonas, o autor discute a obra de alguns escritores brasileiros e faz observações a respeito do fazer poético.

Os outros textos sobre crítica literária junto com mais outros sobre cinema que haviam sido publicados em jornais foram organizados pelo pesquisador da obra de L.

Ruas, Roberto Mendonça, em 2010, sob o título de *Cinema e crítica literária de L. Ruas*, dez anos após o falecimento do poeta. Esse livro traz ao público algumas crônicas que não haviam sido publicadas no livro de Ruas, *Linha d'água* (1970), objeto deste artigo.

Linha d'água, publicado em 1970, pelas Edições Fundação Cultural do Amazonas, em Manaus, em parceria com a Gráfica e Editora Artanova Ltda, no Rio de Janeiro, possui uma capa com design gráfico ao mesmo tempo sóbrio e tenso de autoria do artista plástico Walney de Almeida, pois as linhas finas e brancas geometricamente traçadas no alto da ilustração, sobre fundo azul marinho, assemelham-se ao banzeiro, leve e simétrico movimento das águas do rio. O livro tem prefácio de Luiz de Miranda Corrêa, intelectual do Amazonas, e essa é a única publicação do livro, o objeto desta pesquisa.

No prefácio, Corrêa trata da importância do Governador do Amazonas, Arthur Cezar Ferreira Reis, para o fomento à publicação de livros de autores no citado Estado, por meio da Fundação Cultural do Amazonas. Em seguida, o prefaciador escreve que

a linguagem de L. Ruas pode ser dura ou amena, sua prosa pode fluir desenvolta, nos conta fatos de si mesmo, revelando um espírito formado no cristianismo, e, revoltado, às vezes, contra certas distorções do cristianismo em nosso mundo. E nos fala das dificuldades de um povo, do seu povo, do meu povo, lutando contra a incompreensão, contra a má vontade, contra os índices altos nas doenças e na prostituição, baixos na cultura e nos

meios de vida (CORRÊA In RUAS, 1970, p. 8).

Este é o primeiro comentário a respeito das crônicas reunidas em *Linha d'água* e antecipa alguns aspectos que também fazem parte da obra em forma de poema de L. Ruas, a crítica social expressa por meio da linguagem às vezes ríspida e sempre fluida e certo individualismo no modo de mostrar as ideias. Miranda Corrêa sintetiza o conjunto de artigos publicados nesse livro e que abrangem o olhar de Ruas para o mundo caótico marcado pela Guerra Fria.

Roberto Mendonça informa que, no ano de publicação de *Linha d'água*, o padre Nonato Pinheiro escreveu, em *O Jornal*, de 10 de maio, que Ruas captura o leitor com a leveza de sua escrita (2004, p. 24-25), e que Pessoa de Moraes destacou a profundidade filosófica e psicológica dos textos em decorrência da preocupação de Ruas com os problemas cotidianos, fatores que despertam a atenção do leitor (2004, p. 69-70).

Corroborando com a ideia de Moraes, Afrânio Coutinho (1986, 135) escreve que o elo entre a crônica e a filosofia, se esta é empregada sem dogmatismo, fornece mais consistência e unidade às ideias. Ressalte-se que um dos diferentes temas tratados nas crônicas de L. Ruas é a religiosidade, e que a dimensão social dos textos, ao mesmo tempo em que mostram o trabalho do autor como artista da palavra, comovem o leitor.

A respeito do leitor, Carlos Reis & Ana Cristina Lopes esclarecem que a crônica corre o risco de dele se afastar da preferência quando ela se aproxima do ensaio, quando ela se torna muito subjetiva e lírica ou quando nela prevalece a carga cronológica. Por outro lado, quando a crônica possui caráter paraliterário e competência narrativa, ela preserva o interesse do leitor.

As crônicas de *Linha d'água* não trazem a data de sua primeira publicação e, segundo Roberto Mendonça (2013, p. 154), foram publicadas no jornal *A crítica*, de Manaus e, nelas, estão gravadas cenas da vida diária, de certo modo corriqueiras, havendo, em algumas delas, o nome da pessoa cuja qualidade é ressaltada. No entanto, apesar desse fator particularizante do texto, esse elemento que é objeto das páginas dos jornais, é articulado com outros elementos que tornam o gesto do indivíduo próprio à maioria das pessoas de sua comunidade, quando gera a satisfação ou o sofrimento. Assim, as crônicas de L. Ruas possuem o hibridismo entre o jornalismo e a literatura, como é próprio dessa produção.

A propósito dessa questão, Massaud Moisés (2008) esclarece que a crônica, em sua etimologia, está ligada ao dia a dia, a um episódio cotidiano que é suficiente para deflagrar a imaginação do cronista e que descreve os acontecimentos com a função de entreter o leitor e contribuir para aprimorar o seu modo de ver a realidade.

Além disso, a ausência da data em que cada crônica foi primeiramente publicada retira o caráter efêmero dos textos e mostra a atualidade dos temas tratados mesmo agora no início do século XXI. A mistura do evento particular com o que é da natureza das pessoas e a atualidade temática remetem à observação de Massaud Moisés (2008, p. 237-238) de que a crônica

oscila entre jornalismo e literatura. Estampada em jornais e revistas, a crônica sofre a efemeridade inerente a qualquer notícia, razão por que, com o passar dos anos, geralmente envelhece e perde o interesse. As que sobrevivem a esse desgaste irreparável, ou que o autor julga merecedoras de se perpetuarem na memória dos leitores, são resgatadas em forma de livro.

Linha d'água reúne 49 crônicas contendo temas que podem ser assim distribuídos: amizade, crítica social, santidade, solidão, arte de viver e crítica de arte. O tema da amizade apresenta-se, principalmente, na crônica *Amigo*, e aparece implícito em outras crônicas. A crítica social, marcada ora pelo rigor da opinião próxima à do julgamento, ora pelo humor leve, ora por poemas, consiste no tema predominante. Os temas sobre a arte de viver e a crítica de arte possuem quantidade aproximada e se relacionam, de certo modo, com os temas da amizade e da crítica social, pois estabelecem maneiras diferentes e alternativas possíveis de participar da vida compartilhada com as outras pessoas.

O tom de conversa e certa dramaticidade, retirado das modalidades do

discurso da vida diária em conformidade com os ambientes, favorece, nos textos de Ruas, o diálogo entre o escritor e o leitor e, embora se saiba que esses recursos possuem o risco de romper o contato entre os interlocutores, isso não ocorre e indica o domínio da escrita do autor.

O autor de *Linha d'água*, conhecido artisticamente como L. Ruas, nasceu em Manaus, em 1931. Segundo Tenório Telles e Marcos Frederico Krüger Aleixo (2006), Ruas cursou Filosofia no Seminário Metropolitano de Fortaleza e cursou Teologia no Rio de Janeiro, no Seminário São José e se tornou Padre. Foi jornalista e lecionou em escolas do nível médio de Manaus e na Universidade Federal do Amazonas. Era membro do Clube da Madrugada e, em 1964, após a implantação da ditadura militar, foi vítima de perseguições políticas e preso por causa de suas posições contrárias a esse regime de exceção. Faleceu em abril de 2000 em Manaus.

Elejo para a discussão três das crônicas de *Linha d'água*, *Um amigo*, *Ônibus* e *Crônica para o amanhã*, de modo a destacar a amizade, um evento supostamente insólito na rotina de uma cidade e o olhar 'cansado' e ao mesmo tempo esperançoso do cronista para o mundo.

Na crônica *Um amigo*, a pretexto de falar sobre Pedro, o cronista trata da amizade. O discurso inicia com a frase “quando você me pediu para escrever sobre sua pessoa, levei a história na troça, pois sabia perfeitamente que você acreditava na história do artigo muito

menos do que eu” (RUAS, 1970, p. 9). Esse tratamento cria a impressão de que o escritor está falando com o leitor, fato que os aproxima porque torna familiar a questão apresentada.

A linguagem é carregada de humor leve envolvendo um jogo que revela o quanto cada amigo conhece as limitações do outro, conforme se lê na continuação do excerto anteriormente transcrito:

Mais. Não acreditava nem um pouquinho. E o riso desinteressado que acompanhou o pedido estava indicando, claramente, que aquilo não passava de uma ironia jogada contra você mesmo e contra mim. Contra a nossa paralisia intelectual. Contra a nossa convicção de mediocridade e de improdutividade. (RUAS, 1970, p. 9)

Um fato provoca a escrita do texto sobre o amigo: Pedro viaja subitamente, e os objetos que ficaram na casa do escritor, os lugares que frequentavam nos mesmos horários, além da saudade manifestada pelos amigos em comum aumentam a ausência do amigo.

No caminho de volta a casa, o escritor encontra o vendedor de balões, um dos amigos dele e de Pedro, e sente imensa vontade de comprar balões, mas o vendedor o repreende, obrigando o escritor a conter o ímpeto:

Então eu contei uma porção de histórias complicadas, mas não convincentes, para o menino que, dentro de mim, pedia, choramingando, os balões, como fazem os pais quando não querem ou não podem comprar os brinquedos que os filhos viram nas vitrinas. Doutra vez, doutra vez eu compro. Agora estou com pressa. É claro que o menino sabia que eu não estava apressado. Mas as crianças

facilmente se calam. E eu cheguei à casa sem as cores puras e adejantes dos balões. Não havia dúvida. Você partira mesmo. (RUAS, 1970, p. 10)

A saudade do amigo não gera tristeza, mas sim remete o cronista a momentos em que ambos se divertiam e em que as crianças que neles vive se manifestava. Sugere, também, que a amizade entre ambos envolve descontração, conversa sobre amenidades, isenção de compromisso e usufruir do momento para o prazer de estar ao lado do outro.

O espírito da criança desperta no cronista a vontade de escrever sobre o amigo, mesmo que a ideia soe ridícula: “Ora, a gente já escreveu sobre tanta coisa. Coisas sem importância e coisas mais ou menos importantes. Por que não escrever sobre você? Não fique rindo” (RUAS, 1970, p. 10). Uma amizade baseada no fato de gostar de estar em companhia de alguém a princípio não oferece motivo para se discorrer. Além disso, o amigo não possui um grande feito para ser apresentado para o leitor. O cronista constata:

Depois que revelei a alguém minha ideia de escrever uma crônica a seu respeito foi que pude calculara minha leviandade. Quando quis começar a escrever, você me fugia das mãos. Você é alguém difícil de ser escrito. Você é difícil de virar umas cinquenta ou sessenta linhas datilografadas. Não é que você seja um sujeito tão carregado de obras, de realizações, de tal modo farto, que a gente fique embasbacado diante de sua produtividade. O que foi mesmo que você fez até agora? Não construiu, não fundou instituições de grande influência social, não escreveu livros e, muito menos, publicou-os, não figura

nas colunas de crônicas sociais. Que fez você? Uns poucos artigos. Outras tantas composições musicais. Aí está o inventário de suas “produções”. Mas é justamente por isso que você não é descritível ou resumível. (RUAS, 1970, p. 10)

Após o inventário do que realizou o amigo, o cronista decide não discorrer a respeito dele, e também porque descobriu que, para sentir amizade por alguém, não é necessário conhecê-lo profundamente, e que a amizade é uma virtude que está aquém do amor, o qual se constitui na fronteira com o abismo devido ao nível superior e, ao mesmo tempo, violento do plano moral que este implica.

Ruas, então, define o sentimento da amizade:

Na amizade, porém, não encontramos esse supremo gozo e supremo perigo [que sentimos no amor]. Nela não há as grandes as grandes tempestades das paixões. Há uma suave brisa, paz e harmonia. E suas cadeias não são de prata, platina ou de ouro, mas se assemelham às cadeias feitas de mãos unidas como nas cirandas infantis.

[...]

Ora, o que dá à amizade essa liberdade tranquila é a existência do mistério. O mistério nos liberta. Enquanto no amor encontramos um conhecimento exaustivo, total, perfeito, que revela o ser integral do outro, na amizade, a permanência dos véus nos oferta essa liberdade infantil. E você bem sabe que andam juntos os mistérios e a infância. (RUAS, 1970, p. 11-12)

O conceito de amizade acima transcrito consiste na reiteração desse sentimento já construído na imagem anteriormente citada do cronista, que quer carregar balões coloridos

pelos ruas a caminho de sua casa quando lembra o amigo ausente. E após a consideração sobre o sentido da amizade, a descrição do amigo torna-se, então, nítida: sua personalidade é complexa, sua vida é completamente sem planejamento, e é esse fator que atrai a amizade das pessoas. Então, o feixe das relações de amizade amplia-se do cronista para os outros amigos comuns a ambos, uma dentre os quais descreve seu modo particular de viver.

O cronista finaliza a descrição do amigo afirmando, com humor, que não escreveu sobre ele e que, se o fizesse, lhe diria o quanto sente sua falta. Falta

de alguém que não me fale sempre em responsabilidades, em apostolado, em planos, de alguém que não me procure somente para tratar de assuntos importantes. De alguém que não queira ouvir meus conselhos ou não busque em mim orientação. [...] Porque, às vezes, sinto falta de alguém que seja capaz de ouvir, sem sono e sem tédio, uma porção de asneiras. De alguém que saiba entender e aceitar, pelo menos em certos momentos, umas tantas atitudes minhas. [...] De alguém que me dê a sensação de respirar livremente. (RUAS, 1970, p. 14-15)

O cronista discorreu sobre a beleza da pessoa do amigo, simulando que não o fez e leva à compreensão de que o mesmo elemento enlaça o amigo e o cronista, a descontração das obrigações diárias, o despojamento das atitudes que possam ser separadas em boas ou más.

Nesse sentido, a personalidade do amigo contém o que agrada ao cronista que partilha dessa qualidade e representa a fuga para a liberdade com a qual esse se identifica e gosta

de experimentar vez ou outra. A propósito dessa ideia do cronista, Cícero, em *Da amizade*, “quem contempla um amigo verdadeiro contempla como que uma imagem de si mesmo” (RUAS, 2012, p. 24). Esse orador antepõe a amizade “a todas as coisas humanas, pois nada há que tanto se conforme à nossa natureza, nem convenha mais à felicidade ou à desgraça” (RUAS, 2012, p. 18), pois a amizade acompanha as ações na vida cotidiana. Para este romano, “a amizade nada mais é que o acordo perfeito de todas as coisas divinas e humanas, acompanhado de benevolência e afeição” (RUAS, 2012, p. 20). Essa ideia equivale à do cronista que situa, na amizade, o favorecimento da consciência das virtudes e falhas de si e do outro e o relacionamento entre iguais.

Junto com a discussão sobre a amizade, Ruas emprega a metalinguagem, quando se refere, na crônica, ao ato de descrever o amigo em tantas páginas e de saber que a tarefa é impossível, realizando um jogo que se desenvolve em várias etapas, a comparação entre a amizade e o amor, os tipos de personalidades sobre quem se pode escrever, a dificuldade de qualificar o amigo e, em cada uma das etapas, vai construindo, paulatinamente, a imagem do amigo.

No final do texto, o cronista sintetiza a descrição de Pedro, embora continue o jogo de que não consegue defini-lo por causa do seu modo de viver diferente do das pessoas que seguem uma rotina diária. Ao cabo, por meio

da descrição do amigo, o cronista escreve uma poética da amizade com leveza e humor.

A crônica *Ônibus* narra uma experiência de viagem do autor em um ônibus cujo trajeto compreende um ponto perto do mercado na área central de Manaus. A narrativa constitui-se de um motivo para observar as relações entre os passageiros dentro do curto tempo em que nele circulam.

Todos sofrem solavancos, todos caem, ao mesmo tempo, nos mesmos buracos. Suportamos os outros não só moralmente como queria São Paulo, mas também fisicamente, tantos e tais são os empurrões que levamos. Entramos, sem querer, através da conversa indiscreta de alguns, na vida íntima e nos íntimos problemas de famílias das quais nunca chegáramos a suspeitar a existência. Discute-se política. O governo é defendido e atacado. Chega-se mesmo a fazer amigos. Namora-se. Briga-se. Come-se. Isso tudo na rapidez de uns dez minutos. (RUAS, 1979, p. 63)

O excerto apresenta passagens de humor combinadas com a crítica à insalubridade do serviço prestado pelo transporte coletivo, à irresponsabilidade e ingerência dos poderes administrativos do Estado sobre as atividades das empresas particulares que prestam serviços à população. Critica, também, o fato de o tratamento desumano dado à população provocar suas desumanizações, pois as pessoas perdem a noção do que é conveniente tratar em público e do que precisa ser tratado de modo particular, as questões pessoais cujo tratamento adequado seria para os amigos e em lugares a estes restritos, evitando, assim, a exposição dos

envolvidos diante de outros indivíduos que em nada podem contribuir para diminuir o conflito, mas que ouvem inadvertidamente.

Segundo o cronista, dentre os transportes coletivos - como o bonde e o avião -, o ônibus, “como os pássaros e os homens, são capazes de inventar suas rotas” (RUAS, 1979, p. 64). Novamente, o escritor levanta a crítica à falta de controle do Estado sobre esse serviço público, pois é frequente o motorista mudar a rota da linha de ônibus previamente aprovada nos contratos entre as empresas e o Estado, mas, quando ocorre um imprevisto que exige outro trajeto, o motorista não comunica aos passageiros.

Nesse caso, são os passageiros que perguntam o motivo da mudança e saltam onde lhes parece mais próximo do ponto a que se destinam. Por esses motivos, ele compara o ônibus com a vida, essa também um imenso transporte coletivo marcado pela ilogicidade e por conduzir a comunidade humana, que, nele, cria e insinua eventos espontaneamente.

Então, o cronista insere, no diálogo, a consideração, aparentemente solta, de que o cachorro é um dos animais mais humanos, tendo em vista que sua existência na sociedade decorre de o homem o ter domesticado e de agora ambos serem indissociáveis. Assim, a presença do cachorro humaniza a paisagem.

A imagem do animal se articula, em seguida, com um dos eventos criados pelo homem: a insólita viagem de um cachorro no ônibus em que o cronista entra.

Naquela manhã lavada de chuva, com um vento friozinho que até parecia o ar condicionado do Odeon quando está

funcionando, ao apanhar o ônibus, deparei com um cachorrinho. Não era um cachorro burguês desses que andam nos colos de suas donas e pagam passagem. Não. Era um viralata. Ia com sua dona que voltava do mercado com uma bolsa vazia e com a filhinha no colo. Um cachorro furão. De carona. O cobrador quis botá-lo pra fora, mas não botou. O cachorro virou passageiro.

E o ônibus se humanizou completamente. (RUAS, 1979, p. 65).

Há a projeção da humanidade do homem no animal de estimação, que a absorve. O cachorro se humaniza e, por consequência, humaniza o ambiente. O animal mostra a humanidade que o homem muitas vezes reprime, como em algumas ações transcritas acima, em que alguns problemas pessoais são tratados diante de indivíduos que não conhecem os envolvidos no drama, e mediante as condições insalubres em que as pessoas se encontram no trajeto de um ônibus, em contrapartida ao fato de o cachorro acompanhar sua dona mesmo em situação a ele adversa, como viajar nesse veículo.

No movimento caótico da vida urbana, a dona do cachorro escolheu não o abandonar nas ruas de Manaus, mas sim levá-lo no ônibus, certamente porque o trajeto para sua casa é longo e está com uma criança. E, assim como a dona cuida de seu animal de estimação, o cachorro manifesta o cuidado com sua dona, pois se infere que ele a segue até o mercado e daí retorna com ela.

O excerto acima mostra, também, fragmentos da cidade de Manaus entre as

décadas de 1960 e 1970. No caso, algumas linhas de ônibus, como a ‘Joaquim Nabuco – João Coelho’, o prédio do cinema Odeon, hoje demolido, e o hábito de as pessoas vindas do mercado Adolfo Lisboa voltarem para casa no intervalo do horário em que os ônibus circulam com lotação máxima, com as bolsas de compras cheias ou vazias. As bolsas vazias, em algumas vezes, indicam que o ‘motor’, barco vindo de algum município, não trouxe ‘encomenda’ – frutas, verduras e peixes - para o dono da bolsa vazia. No momento de encontro, no barco, as pessoas recebem notícias de quem está no município e de quem está em Manaus.

As ações observadas pelo cronista, a imprevisibilidade do trajeto do ônibus em alguns dias, a desumanização, a viagem do cachorro no ônibus, as transformações na paisagem e os hábitos de alguns moradores da Manaus de 1960 a 1970 mostram a cotidianidade formada por ações coletivas e individuais, que podem ou não romper com situações injustas.

A esse respeito Agnes Heller (2000) esclarece que uma relação vital acontece na vida cotidiana. Entre a particularidade social, formada pelos sentimentos e pelas necessidades iguais entre os indivíduos, que, por isso, precisam negociar comportamentos semelhantes para os indivíduos para propiciar a convivência, e outra completamente articulada com a social, a particularidade individual, que é marcada pelos desejos de cada pessoa e está ligada à relativa liberdade para fazer escolhas

dentro do modelo de vida da comunidade. Essa relativa liberdade, ao mesmo tempo em que distancia o indivíduo em relação à sociedade, contribui para o desenvolvimento do espírito crítico (HELLER, 2000, p. 20-22).

Portanto, o olhar do cronista observa as partes da vida cotidiana que oferecem brechas, fendas por onde a desumanização pode ser revertida e mostra que ela já acontece em lances em que o indivíduo fez uma escolha diferente daquela que o tem automatizado ou o torna injusto.

A *Crônica para o amanhã* finaliza o livro *Linha d’água*. Nela, o cronista encontra-se em um estado de cansaço diante de alguma adversidade e ao mesmo tempo de esperança de encontrar indícios de que as coisas irão melhorar.

O texto inicia com a personificação da tarde: “A tarde está cansada”, para a qual convergem imagens de tranquilidade combinadas com outras de sofrimento, que geram a ideia de entorpecimento:

Há macios cinzentos nas calçadas vazias.

Hoje, talvez, fosse bom navegar em teus mares, ó cálida e vespertina doçura. Hoje, talvez, fôssemos além destes limites de azul.

Pelos ferros retorcidos da claraboia, a luz tenta uma transfiguração dos minutos. Ler a revista, sem pressa. Tragar um cigarro sem emoções. Não mover os olhos. Não molhar os lábios. Não desejar. Apenas aceitar a comunhão suave da tarde cansada. (RUAS, 1979, p. 147)

A solidão mostra-se nas calçadas vazias em que “há macios cinzentos”. Que poderia representar essa metáfora? Talvez passos que remetem a pessoas no passado ou passos distantes e, por isso, indefinidos. Essa paisagem desperta o desejo do cronista de navegar nos mares da tarde, de ultrapassar seus limites.

O cenário se completa com a ideia de que o sujeito se encontra em um ambiente no qual a luz da tarde passa por uma claraboia. O tédio toma conta do sujeito para o qual as coisas têm pouca importância ou perderam o interesse. A sequência de ações sugere que o tempo demora a passar, que elas estão perpassadas pela monotonia, e isso resigna o sujeito a “apenas aceitar a comunhão suave da tarde cansada”. As imagens visuais levam a inferir que o sujeito está confinado em um quarto ou que ele espera, resignado, a morte.

Se há concordância com a segunda opção, a tarde representa o isomorfismo do sujeito, possivelmente um velho, cansado da solidão e de remoer recordações. Essa hipótese se respalda na imagem de que o sujeito experimentou períodos de muita atividade: “Cessaram os ritmos violentos que rompem a tranquilidade dos equilíbrios e nos jogam, em rodopios, para o claro momento. Ah! O claro momento!” (RUAS, 1979, p. 147). Agora, o momento é outro: “A luz cai perpendicularmente sobre a retina e fere o idílio da luminosa comunhão dos seres que se consomem na espera” (RUAS, 1979, p. 147). Até a claridade da tarde representa um tédio

para o sujeito porque o mantém em estado de vigília e lhe impede a ilusão de que já está envolvido nessa comunhão que implica a espera. De quê?

O sujeito revela: “O retorno para o que foi. Há sempre retornos nos momentos da tarde, véspera da noite. Amanhã é possível que haja outras partidas (RUAS, 1979, p. 147). Os seres esperam retornar para o que foram, esperam partir, esperam a noite. E a tarde é o momento da espera da noite. Essas imagens reiteram o isomorfismo da tarde com o sujeito que, na velhice, anseia pela morte: “Vejo-te. Quero-te. Sinto que te fazes presente nos momentos silenciosos do entardecer. Hoje te procuro. Hoje te desejo” (RUAS, 1979, p. 147).

O anseio pela partida é manifestado pela intensidade da cor em contrapartida à suavidade da cor que representa os momentos de ritmos violentos já terminados: “Vermelho é rosa do que vivi. É sempre possível olhar no espelho e não ter medo de esperar o amanhã. Se você tomar o vermelho da rosa em suas mãos, ele se transforma silenciosamente em tarde” (RUAS, 1979, p. 147). O jogo com as cores é inusitado, pois a ideia de que a juventude é representada pelo vermelho, que conota as fortes emoções experimentadas no período, é invertida, quando o rosa o substitui, além de o vermelho representar a velhice.

A frase que inicia a crônica é retomada: “Tarde cansada” (RUAS, 1979, p. 147), indicando a continuação da espera, agora não mais tediosa, e sim agradável:

Desce em mim tua ternura feita de quietude. Estas folhas que se desprendem sem remorsos. Agora todos estamos reconciliados. È quietude e sombra este caminhar de leve que se integra em nossa voz que murmura qualquer som.

Agora é preciso esperar a noite.

Agora é preciso desejar o amanhã.

(RUAS, 1979, p. 148)

Sabe-se que pensar a morte é um modo de a ela escapar ou de vencer o medo que a morte implica para cada vivente. A morte que o cronista apresenta é aquela esperada após uma vivência marcada por experiências algumas vezes boas ou ótimas ou péssimas. É a amiga encontrada no final da vida; quase uma namorada pelo anseio pelo qual é solicitada. É aquela esperada por algumas pessoas que, por terem vida longa, têm a certeza de que cumpriram as responsabilidades coletivas e particulares, ou vivem com seus demônios e, de qualquer modo, a aguardam como seu fim.

A morte tem sido tema frequente na arte e, dentre os significados que desperta, pensar na morte, falar sobre ela não apenas representa formas de preparação para esse evento, como também ressalta a figura do artista, questão que, de certo modo, suscita seu desejo de querer ser perpetuado por sua obra. Nesse caso, assim como a morte é o fim de todos no amanhã, esse amanhã pode também consagrar a obra de um escritor que, se fisicamente está morto, perpetua-se por meio de sua produção.

Considerações finais

As crônicas de *Linha d'água* configuram-se como escrita subjetiva e, às vezes, lírica, que, por isso, transfiguram fatos que servem de pretexto para as divagações e a imaginação artística. Sabe-se que o registro de um fato na modalidade de crônica de imprensa, embora normalmente seja retirado do cotidiano, não trata fielmente a realidade, pois o cronista acrescenta elementos de dimensões culturais que realçam o texto, e isto a torna diferente da simples descrição feita por um observador que não seja cronista.

A esse propósito, Afrânio Coutinho esclarece que a crônica é literária quando se afasta do estilo da reportagem e, ao mesmo tempo, interliga traços literários com traços do jornalismo. Esse fator depende do modo de cada autor de crônica construir as ideias. Este crítico ressalta que grande parte dos cronistas são também poetas, e suas poesias, em determinadas circunstâncias, não deixam de ter certo ar de crônica, como Joaquim Norberto, “quando, no poema “A confissão”, descreveu o Rio de Janeiro do tempo do velho entrudo e construiu assim uma crônica em versos” (COUTINHO, 1986, p. 123-124).

Também L. Ruas, além de cronista, era poeta, e algumas de suas crônicas possuem tema análogos aos de seu livro de poemas *Aparição do clown*, tais como *Jerônimo – um homem* e *Adeus, tio Branco*, que tratam da santidade e do sagrado na vida. O grau de

elaboração da linguagem de L. Ruas, todavia, mantém o equilíbrio entre o processo poético e o interesse do público de jornal e, ao mesmo tempo, aproxima as crônicas do poema em prosa. Dentre elas, destacam-se *Oração de Páscoa*, em que o cronista conversa com Cristo; *Entrar e sair*, sobre a arte de viver com a família, os amigos, com Deus e na sociedade mais ampla; *Aos moços*, para quem discorre que a vida é luta que todo dia precisa ser vencida.

Outras crônicas de *Linha d'água* possuem leve dose de humor: *Sapato velho*, em que há uma reflexão bem humorada sobre o descarte de objetos; e *Cartões de Natal*, em que critica o fato de os presépios estarem serem construídos com economia das figuras do Natal. Outras, ainda, constituem-se de crítica de cinema e de literatura e, por fim, as que se constituem em maior quantidade, as de crítica social, em que o cotidiano dos centros urbanos e os sinais de caos do mundo ocidental são denunciados.

As crônicas de *Linha d'água* possuem temas tão atuais que contradizem a discussão levantada por Afrânio Coutinho de que esse tipo de texto, por ser um “gênero anfíbio”, que trata tanto de frivolidades quanto de temas profundos, é mais adequado às páginas de um periódico. Por outro lado, esse crítico concorda que as crônicas, escritas primeiramente para divulgação nos jornais, sejam reunidas para publicação no formato de livro (COUTINHO, 1986, p. 135).

A título de polemizar, no entanto, Coutinho (1986) cita que Tristão de Athayde considerava que a crônica fica fora de contexto quando é publicado posteriormente a sua publicação em jornal. Afrânio lembra que, para muitos críticos, a crônica é considerada uma arte menor, e, somente quando apresenta qualidade no trabalho com a linguagem, somente “ao libertar-se da sua condição circunstancial pelo estilo e pela individualidade do autor” pode ser considerada literatura (COUTINHO, 1986, p. 123).

Sabe-se que, no século XXI, a crítica não se prende rigorosamente aos preceitos do cânone literário quanto à noção de arte maior, menor, engajada, preferindo considerar a obra como arte sem preocupação em classificar. E as formas literárias limítrofes com outras linguagens como a do jornalismo e do ensaio ganham destaque quanto a sua natureza poética. Tomando as palavras de Afrânio Coutinho (1986), entende-se que *Linha d'água* ultrapassa o caráter circunstancial em decorrência do domínio da palavra poética de L. Ruas.

A propósito da discussão a respeito do que é considerado poético segundo o cânone, é relevante citar o histórico da crônica apresentado por Coutinho (1986). Primeiramente, a crônica consistia em um relato e comentário dos fatos em pequena seção dos jornais; depois, passou a ser a definição da própria seção e do tipo de texto literário nela divulgado. Assim, a crônica incorporou um

novo sentido, passou a ser um gênero literário de prosa, apresentado em jornais ou revistas.

Ressalte-se que algumas crônicas são análogas a ensaios, fato que Coutinho observa do ponto de vista da combinação de sua natureza literária com a ensaística. Pelo primeiro traço ela se distingue do jornalismo, porque apesar de ser ligada mais ao jornal, não utiliza o fato como seu objetivo principal somente para informar, ela utiliza os fatos como meio ou pretexto para narrar os acontecimentos de uma forma imaginativa. Pelo segundo traço, a natureza ensaística da crônica aproxima-a do tipo de ensaio inglês (COUTINHO, 1986, p. 119 e 136), em que a escrita geralmente é informal, pessoal, familiar, em linguagem coloquial, sem estrutura preestabelecida, mostrando o espírito livre do cronista diante de fatos, pessoas, paisagens, experiências e até de teorias.

Coutinho destaca, ainda, que a crônica se impõe na preferência dos leitores de jornal por causa de seu espírito de independência perante a linha de pensamento, às vezes ortodoxa, da direção do jornal onde ela é veiculada e mesmo diante do pensamento da maioria das pessoas da época do cronista, porque ela possui caráter individual e por causa do efeito que ela produz nos leitores, de concordância ou de contestação a respeito de uma questão da atualidade ou da natureza do homem.

O efeito que a crônica de L. Ruas gera decorre da tessitura do texto cujo

entrelaçamento de fatos se dá de modo aparentemente tão natural que o leitor se sente como o participante de um diálogo com quem o escritor conversa, contando fatos engraçados, insólitos, comoventes ou revoltantes, construídos com o colorido das imagens da vida cotidiana. O domínio da linguagem na crônica de Ruas, reinventando ou imaginando poeticamente uma realidade, assemelha-se à técnica da tapeçaria em que o artista borda ou tece sobre uma pintura.

Referências

ALENCAR E SILVA. **Quadros da moderna poesia amazonense**. Manaus: Editora Valer, 2011.

CÍCERO, Marco Túlio. **Da amizade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

CORRÊA, Luiz de Miranda. Prefácio. In: RUAS, Luiz. **Linha d'água**. Rio de Janeiro: Editora Artenova; Manaus: Edições Fundação Cultural do Amazonas, 1970.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF – Universidade Federal Fluminense, 1986

MENDONÇA, Roberto. **L. Ruas**: itinerário de uma vocação. Manaus: Gráfica Belvedere, 2004.

_____. [org.] **Intérpretes de Aparição do clown**. Fortaleza: Realce Editora e Indústria Gráfica, 2010.

_____. **Cinema e crítica literária de L. Ruas**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas – FUA, 2010.

_____. [org.] **L. Ruas** - poesia reunida. Manaus: Travessia, 2013.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. 17 reimpressão da 1 ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra. 2000.

REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina. **Dicionário de narratologia**. 7 ed. Coimbra: Almedina, 2011.

RUAS, Luiz. **Aparição do clown** [1958]. Manaus: Valer, 1998.

_____. **Linha d'água** [1968]. Rio de Janeiro: Editora Artenova; Manaus: Edições Fundação Cultural do Amazonas, 1970.

_____. **Os graus do poético**. Manaus: Edições Rádio Rio Mar, 1979.

_____. **Poemeu**. Manaus: Edições Puxirum, 1985.

TELLES, Tenório & KRUGER, Marcos Frederico. **Poesia e poetas do Amazonas**. Manaus: Editora Valer, 2006.

TUFIC, Jorge. **Existe uma literatura amazonense?** Ensaaios. Manaus: UBE/SUFRAMA. s/d.

Dados sobre a autora

Rita Barbosa de Oliveira é doutora em Letras – Estudos Literários pela PUC-Rio; Professora do Curso de Letras – Língua e Literatura Portuguesa e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas. Coordena e orienta projetos de pesquisas sobre literaturas em língua portuguesa, Atualmente, coordena o projeto de pesquisa “Poesia, prosa e cinema no Amazonas: 1996-2016”.